teatro do pequenoGesto

TEXTOS ENCENADOS

A partir da tragédia de

Eurípides

MEDEIA

Adaptação **Antonio Guedes e Fátima Saadi**

Apresentação **Flora Süssekind**

A partir da tragédia de
Eurípides

MEDEIA

Adaptação **Antonio Guedes e Fátima Saadi**
Apresentação **Flora Süssekind**

Ficha Técnica

2024 © Antonio Guedes e Fátima Saadi

2024 © apresentação Flora Süssekind

Conselho editorial
Ana Kfouri
Angela Leite Lopes
Antonio Guedes
Edélcio Mostaço
Silvana Garcia
Walter Lima Torres

Editora responsável
Fátima Saadi

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica
Mayara Závoli

ISBN 978-65-89727-11-8

Edições Virtuais Teatro do Pequeno Gesto
www.pequenogesto.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

M488 Medeia : a partir da tragédia de Eurípides [recurso eletrônico] / adaptação Antonio Guedes e Fátima Saadi ; apresentação Flora Süssekind. — Teatro do Pequeno Gesto, 2024.
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-89727-11-8

1. Teatro brasileiro – Espetáculos. 2. Teatro grego (Tragédia) – Adaptações. 3. Teatro - História e crítica. I. Guedes, Antonio. II. Saadi, Fátima. III. Süssekind, Flora.

CDD23: B869.2

Bibliotecária: Priscila Pena Machado – CRB-7/6971

SUMÁRIO

06 **Apresentação**
Nós, só vemos morte (Nota sobre Medeia*)*
FLORA SÜSSEKIND

22 **Medeia**
A partir da tragédia de Eurípides
ADAPTAÇÃO DE ANTONIO GUEDES
E FÁTIMA SAADI

65 **Ficha técnica do espetáculo**

APRESENTAÇÃO

Nós, só vemos morte (Nota sobre *Medeia*)*

FLORA SÜSSEKIND**

A *Medeia* do Teatro do Pequeno Gesto termina com uma contradição. Com a intromissão, enquanto a ação se encerra, de um rastro nietzschiano na fala final do corifeu. Nietzsche passa, então, a falar "pela boca de Eurípides", tomando como máscara justamente a daquele que, segundo a sua análise em *O nascimento da tragédia*, "combateu e vendeu a tragédia antiga", daquele que se teria servido dela, "morta sob suas mãos brutais", como de um moribundo a quem se obrigaria a "prestar mais uma vez serviço". E cujo drama "não-dionisíaco", cujo "epos dramatizado" se mostraria, a seu ver, incapaz de alcançar "o efeito trágico".[1] E não é à toa que se escolhe

* Publicado originalmente no número 24 da revista *Folhetim*, dedicada aos 15 anos do Teatro do Pequeno Gesto (Rio de Janeiro: Teatro do Pequeno Gesto, p. 10-23, julho-dezembro de 2006.)

** Flora Süssekind é pesquisadora e ensaísta, trabalha como professora na graduação em Estética e Teoria do Teatro e na pós-graduação em Artes Cênicas da Unirio.

1 Todos os trechos entre aspas deste primeiro parágrafo são, evidentemente, extraídos de *O nascimento da tragédia* (São Paulo: Companhia das Letras, 1992), de Nietzsche. Utilizo aqui a tradução de J. Guinsburg.

exatamente o desfecho da peça para essa intromissão propositada de uma dissonância conflituosa, para a substituição das últimas palavras do corifeu por trechos extraídos de Nietzsche e Rilke.

É claro que ainda ecoa, na versão do Teatro do Pequeno Gesto, a "repetição triste, que serve de conclusão a inúmeras peças"[2] de Eurípides, de que, se são os homens que se lançam em suas infelicidades, ninguém é, no entanto, senhor absoluto de sua sina. Cabendo aos acontecimentos, às paixões, aos imprevistos (felizes ou não) conduzi-los, inabalavelmente, à sua fortuna. Não se trata mais, porém, na tragédia euripidiana, de reafirmar, como em Ésquilo, a força da justiça divina. São, ao contrário, as "flutuações de uma sorte que já não tem sentido"[3] que parecem determinar, nesse teatro, as formas do destino. E que parecem barrar, também, implacavelmente, "o sentimento" de que o próprio devir possa ter, ele mesmo, "um sentido".[4]

Tomado ao pé da letra o texto de Eurípides, o que se destaca, no momento final da peça, é, então, o inesperado, são as surpresas que desafiam nossas suposições e que se intrometem, necessariamente, no curso dos acontecimentos. Na adaptação, de 2002, realizada por Fátima Saadi e Antonio Guedes, mantém-se a ênfase no acaso. Mas é, na verdade, a dor de existir o que domina, aí, nas últimas palavras do corifeu, marcadas pela afirmação da transitoriedade da vida, pela certeza de que, se "o delito maior do homem é ter nascido",[5] ninguém pode mesmo ser feliz. E a série euripidiana de conclusões praticamente idênticas (as de *Alceste*, de *Medeia*, de *Andrômaca*, de *Helena* e de *As*

2 ROMILLY, Jacqueline de. *A tragédia grega*. Lisboa: Edições 70, 1999, p. 126.

3 Idem, ibidem.

4 Idem, ibidem.

5 CALDERÓN DE LA BARCA, Pedro. *A vida é sonho – O alcaide de Zalamea – O mágico prodigioso*. Porto: Livraria Civilização, 1968, p. 10.

bacantes) se vê, desse modo, alterada suave, mas significativamente.

Talvez valha a pena, então, para efeito de contraste, uma enumeração. E a repetição, em traduções diversas, desses finais. "Muitas formas revestem deuses-demos / Muito cumprem à contra-espera os numes. / Não vigora o previsto. / O poro do imprevisto o deus o encontra. / Este ato assim conclui."[6] Assim se encerra o texto de *As bacantes* na tradução de Trajano Vieira. "Espíritos manifestam-se sob as mais diversas formas / E muitas coisas estranhas nos proporciona o céu. / Muito do que se espera nunca sucede. / E o que nos assombra realiza-se com a ajuda dos deuses. / Assim finda esta ação".[7] São estas as últimas palavras do coro em *Alceste*. O final de *Helena* segue na mesma direção: "Variam as feições dos espíritos / e muitas das coisas vindas do deus contrariam nossos cálculos: / o que se buscava não se realiza, / enquanto os Céus encontram meios para o que não esperávamos; / Ajusta-se, assim, este ato". Palavras que parecem repercutir, ainda, na fala final de *Andrômaca*: "Muitas as formas dos seres celestiais / e muito do que deles vem contradiz nossas esperanças. / Aquilo que pensávamos viria a ser não se consuma, / enquanto para o inesperado acha o deus uma via. / Põe-se dessa maneira, fim a esta obra".[8]

Finais semelhantes a que se poderia acrescentar também o de *Medeia*. Lembre-se, nesse sentido, a última fala do texto de acordo com a tradução de Mário da Gama Kury: "Dos píncaros do Olimpo Zeus dirige / o curso dos eventos incontáveis / e muitas vezes os deuses nos deixam / atônitos na realização / de seus desígnios. Não se concretiza / a

6 EURÍPIDES. *As bacantes*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 125.

7 Modifiquei ligeiramente, aí, a tradução de J. B. de Mello e Souza.

8 Essas versões improvisadas dos finais de *Helena* e *Andrômaca* tiveram como ponto de partida as traduções de E. P. Coleridge dos dois textos de Eurípides.

expectativa e vemos afinal / o inesperado. Assim termina o drama".[9] Contraste-se com esta versão a bela transformação de Fátima Saadi e Antonio Guedes dessa intervenção final do corifeu:

> Miserável raça dos homens, filhos do acaso e da dor! Por que querer ouvir o que não trará nenhum proveito? O maior bem nunca se poderá alcançar: é não ter nascido, não ser, não ser nada. (*Pausa.*) Niguém é feliz. (*Pausa.*) Mas nós espectadores em tudo e sempre, ordenamos que tudo se desfaça. Por ora, basta! (*Pausa.*) As coisas passam... e nós mesmos passamos.[10]

As diferenças são perceptíveis. E os responsáveis pela adaptação se encarregaram de avisar, em nota à edição de sua *Medeia*, quais foram os empréstimos utilizados na composição desse desfecho. As indicações são propositadamente precisas. E apontam para a conversa, na terceira seção de *O nascimento da tragédia*, de Midas e Sileno sobre "a melhor coisa para o homem" (i.é: não ter nascido) e para a "Oitava Elegia de Duíno" (com seus ecos nietzschianos) como fontes da versão adotada por eles para as palavras finais da peça. Deixando bem claro, desse modo, quem fala aí "pela boca de Eurípides". Como se não quisessem deixar margem à dúvida de que o conflito discursivo, explicitado no encerramento, é algo a ser registrado com atenção. E cabendo a essa dissonância a indicação de uma situação adicional de disputa, de uma cena potencial de agôn, envolvendo, como oponentes, não mais Medeia e Jasão, mas Nietzsche e Eurípides.

9 EURÍPIDES. *Medeia. Hipólito. As troianas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 78.

10 SAADI, Fátima e GUEDES, Antonio. Medeia de Eurípides, *Cadernos de Teatro* n. 169. Rio de Janeiro: O Tablado / RioArte, out., nov., dez. 2002, p. 58. [Na presente edição, ver p. 62. N. da E.]

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Ana Luiza Alkimim, Fernanda Maia, Viviana Rocha, Cristine A'Gape

A exposição da tragédia euripidiana a essa oposição no seu desfecho se deve, em parte, à possibilidade quase imediata de detecção que uma intromissão discursiva em tal contexto permite (principalmente em se tratando de um conjunto de versos finais repetidos em várias peças). Mas dialoga igualmente com um dos elementos mais agudos da crítica de Nietzsche a Eurípides. Crítica aos desfechos euripidianos já presente na *Poética* aristotélica: "os desenlaces devem resultar da própria estrutura do mito, e não do *deus ex machina*, como acontece na *Medeia*."[11] Para Nietzsche, isso derivaria da dissolução da "consideração trágica do mundo", do declínio da tragédia mítica, evidencia-

11 ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1990, p. 124.

dos pela substituição, nos desenlaces, de "uma consolação metafísica por uma consonância terrena" do mito pelo "deus das máquinas e dos crisóis". Como na aparição súbita, na versão euripidiana, de um carro flamejante que tira Medeia de Corinto. "O *deus ex machina* tomou o lugar do reconforto metafísico",[12] comentaria Nietzsche.

A "terrível sabedoria" de Sileno, que se intromete na boca do corifeu, no espetáculo de 2002, operaria uma recondução não só dos "temores e horrores do existir", e do "deleite nascido das dores", ao centro da cena trágica. Mas também do companheiro de Sileno, Dionísio, cuja irrupção no contexto da encenação do texto de Eurípides pelo Teatro do Pequeno Gesto, parecia se materializar, igualmente, no meio sorriso com que o corifeu (interpretado por Mariana Oliveira) dizia as suas palavras finais.

Esse movimento de contraversão, evidenciado pelos trechos extraídos de Nietzsche e Rilke, não se faz presente, no entanto, apenas na dimensão textual da adaptação, num desfecho no qual não cabe qualquer *deus ex machina*. Ou qualquer sinalização em direção à "justiça dos homens". Pois, à maneira do que observa Beckett no seu ensaio sobre Proust, trata-se aí de outra configuração trágica:

> A tragédia é o relato de uma expiação, mas não a expiação insignificante de uma quebra codificada de um acordo local, redigido por patifes para usufruto dos tolos. A figura trágica representa a expiação do pecado original, do pecado original e eterno, cometido por ela e por todos os seus *socii malorum*, o pecado de haver nascido.[13]

12 NIETZSCHE, op. cit., p. 107.

13 BECKETT, Samuel. *Proust*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 70-71.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Mariana Oliveira.

Daí a tensão criada pelo meio-sorriso do corifeu em meio às terríveis considerações sobre a condição humana com que se encerra a *Medeia* do Teatro do Pequeno Gesto.

Antes mesmo de ter início a fala final, entretanto, e logo depois da saída de Medeia, "por uma das extremidades do corredor", já se figuraria em cena a contraversão operada discursivamente pela intromissão nietzschiana. Pois, quando o corifeu ocupa, no final, o pequeno círculo rotativo (encaixado ao grande círculo de madeira que constitui o cenário), pela primeira e única vez, na montagem do Teatro do Pequeno Gesto, "Jasão pega uma das alavancas e começa a girar no sentido oposto àquele que o coro havia seguido ao girar o pequeno círculo durante o espetáculo".[14] Jasão vai girando cada vez mais rápido, até dar "um grito lancinante" e cair "de joelhos". Durante esse processo, "as alavancas se arrastam com ruídos de ferros em atrito". A inversão de direção do movimento rotativo parecendo forçar, ao limite, o maquinismo, e provocar, desse modo, o ranger de suas peças, ruído que se misturaria ao dos gritos desesperados de Jasão.

Nesse palco (girando em direção oposta à de todo o movimento de alavancas, ao de todas as rotações circulares do espetáculo) é que se apresentam as considerações finais. Ditas não apenas com um meio sorriso, mas com um movimento também giratório do rosto da atriz que faz o corifeu, e que se volta, assim, lentamente, para todos os lados, para toda a plateia. O que funciona como uma espécie de reafirmação coreográfica de que caberia a todos nós, "espectadores", "companheiros de infortúnio", desconforto metafísico idêntico ao expresso

14 SAADI, Fátima e GUEDES, Antonio. Medeia de Eurípides, op. cit., p. 58. [Na presente edição, p. 62. N. da E.]

nesse momento. Movimento giratório e generalizador, apontando, assim, para "uma visão do trágico como um aspecto fundamental da existência humana, indicativo da irremediável, dolorosa incompatibilidade entre o homem e o mundo em que ele se acha por acaso".[15] E não para sua visão como algo ligado unicamente a um gênero artístico ou a aspectos característicos desta ou daquela tragédia. Criando-se, assim, tensão evidente com o que a encenação parecia, de certo modo, nos convidar a fazer, entretanto, até aquele momento.

Pois os trajes propositadamente anacronizantes, os muitos vasos de barro espalhados pelo espaço cênico, os gestos e posturas corporais (sobretudo do coro) mimetizando representações de cenas teatrais pelas pinturas de vasos áticos, a maquilagem, esbranquiçada, figurando máscaras nos rostos dos integrantes do coro, o cenário, constituído de um grande círculo de madeira (com outro menor, giratório, no centro), parecendo levemente reminiscente do eciclema (a pequena plataforma rolante na qual se exibiam, na tragédia grega, as cenas mais terríveis), tudo isso evidenciava, na encenação do Teatro do Pequeno Gesto, a vinculação histórica do texto euripidiano escolhido. À qual se contrapunham, porém, no desfecho, um desencanto do mundo, uma compreensão impiedosa da condição humana, que demonstravam, ao mesmo tempo, um "uso estendido do trágico",[16] visto como "uma dimensão fundamental da experiência humana"[17] e não exclusivamente como manifestação artística ligada ao contexto específico evocado pelos figurinos, pela quase máscara branca com a qual se recobrem os rostos dos coreutas, pelos movimentos mar-

15 MOST, Glen W. Da tragédia ao trágico. In: ROSENFIELD, Kathrin (org.). *Filosofia & literatura: o trágico.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 34.

16 Idem, ibidem, p. 23.

17 Idem, ibidem, p. 25.

cados, quase "escultóricos" em alguns momentos, lembrando o uso dos braços (nas passagens longas), a padronização gestual (da locução e das emoções) na representação trágica, lembrando as "formas e gestos que não raro adotam os corpos dos heróis (dos atores trágicos) quando estes se defrontam com o fado inevitável."[18]

É para essa tensão entre o texto euripidiano e uma compreensão moderna, e alargada, do trágico que chama a atenção o final reformulado da *Medeia* do Teatro do Pequeno Gesto, no qual se figura, pela contraposição de Nietzsche a Eurípides, uma espécie de disjunção entre um sentimento trágico generalizador, "universalmente humano"[19] (expresso nas últimas palavras da peça) e a tragédia particular ali encenada.

Nesse sentido se pode dizer que a presença de Nietzsche é tão essencial à montagem do Teatro do Pequeno Gesto quanto é a de Eurípides na reconstrução nietzschiana do nascimento e da história do declínio da tragédia antiga. Assim como em *O nascimento da tragédia* se compreende a tragédia esquiliana a partir de sua "desfiguração", a encenação de Eurípides se faz acompanhar do eco de sua crítica por Nietzsche. Essa intromissão figura uma distância, um movimento auto-reflexivo, por meio dos quais se contrapõe ao universo trágico de referência o horizonte moderno, evidenciando-se, desta forma, o campo crítico no qual se realiza a encenação.

Se Nietzsche funciona como ponto fundamental de distância, não é, entretanto, o único fator propositado de "desordem" ao longo da

18 GUMBRECHT, H. U. Os lugares da tragédia. In: ROSENFIELD, Kathrin (org.), op. cit., p. 12.

19 BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão.* São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 124.

adaptação. A começar da transposição de parte do diálogo final de Medeia e Jasão para o início do espetáculo, que parece apresentar, assim, sem sombra de dúvida, uma espécie de desenlace prévio, de síntese global, desdramatizando intencionalmente as ações que se seguem, e cujo resultado já se sabe (mesmo sem a "visão do futuro") de antemão. Como se não bastasse essa ordem inversa, repete-se, em seguida, ainda uma segunda vez, todo o trecho transposto. Repetição que se torna, porém, propositadamente inaudível porque acompanhada pelos sons dos pés dos coreutas batendo no tablado de madeira e produzindo um ritmo marcial intenso que abafa o diálogo e as vozes de Medeia e Jasão. A cena auditiva (coral) contrariando a situação de disputa interpessoal exposta, no centro do palco, ao público.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Luiza Baratz, Mariana Oliveira, Ana Luiza Alkimim, Fernanda Maia, Viviana Rocha, Cristine A'Gape, Cybele Jácome (de costas) e Alexandre Dantas.

E não é só aí que a presença do coro parece se sobrepor à dos personagens individualizados na encenação de Eurípides pelo Teatro do Pequeno Gesto. É o seu movimento constante, são suas passagens pelo círculo maior de madeira, suas aparições à beira do círculo, seu deslocamento das alavancas que giram o pequeno tablado interno, seus modos de agrupamento e vocalização que conduzem a cena. Contraria-se, desse modo, explicitamente, a crítica aristotélica de que em Eurípides o coro não atuaria como um dos atores, deixando de funcionar como parte constitutiva do todo e da ação. Assim como o comentário nietzschiano de que, no teatro euripidiano, o coro, "o substrato musical-dionisíaco da tragédia", se transformaria em "algo acidental", numa simples "reminiscência da origem da tragédia".

Não se trata, porém, de discutir o uso sem dúvida importantíssimo do coro na *Medeia* de Eurípides, cabendo a ele a exposição e a interlocução das transformações e reavaliações da protagonista ao longo da peça, assim como a belíssima condução do diálogo entre visível e invisível, no momento do assassinato (no interior da casa) das crianças, cujos gritos cortam o canto coral, parecendo, na verdade, nesse instante, encravar-se nele,[20] como lamento ativo, "presença lancinante da morte"[21] no texto euripidiano.

Mas se a ênfase na figuração coral ao longo da encenação da *Medeia* pelo Teatro do Pequeno Gesto não contraria, em absoluto, a peça, parece indicar, simultaneamente, um outro ponto de distância. Pois não é apenas a visão moderna do trágico, em tensão com uma exposição propositadamente historicizada dos corpos e ações dos

20 Lembrem-se, nesse sentido, os comentários de Charles Segal, em *Euripides and the Poetics of Sorrow* (Durham: Duke University Press, 1993), sobre as funções do coro na *Medeia*.

21 LORAUX, Nicole. *La Voix endeuillée*. Paris: Gallimard, 1999, p. 131-132.

atores, que impõe uma percepção distanciada à montagem. A onipresença do coro, sobrepondo-se, com frequência, aos diálogos e disputas entre os protagonistas, parece sugerir que a agonia a que se assiste aí é, na verdade, a da relação dual, da retórica da conversação, da "dialética otimista que supunha que o homem – personagem de teatro – fosse o sujeito atuante da linguagem".[22] É, pois, para um "crepúsculo do diálogo" (para lembramos diretamente a reflexão de Sarrazac), que apontam as indagações sobre a forma trágica, sobre as tensões entre epos e drama, e entre visões conflitantes do trágico, encaminhadas na *Medeia* do Teatro do Pequeno Gesto.

E não é à toa que se escolhe exatamente Eurípides como ponto de partida para essa figuração agônica do dramático. Aos olhos dos teóricos modernos do trágico (como se assinalou aqui via Nietzsche), atribui-se a ele papel fundamental na dissolução das funções corais e monológicas do teatro, e na exclusão gradual dos prólogos e epílogos. Assim como, por outro lado, na instituição da conversação e do conflito como os princípios verdadeiramente constitutivos do dramático. Não é de estranhar, então, que se tenha convertido numa espécie de fonte ancestral para a exigência dialógica que caracterizaria a produção dramática clássica.[23] Não é de estranhar, por outro lado, que, ao encenar sua *Medeia*, o Teatro do Pequeno Gesto sobreponha ao conflito central da peça, dois outros.

Um deles, explicitado na fala final do corifeu, contrapondo Nietzsche e Eurípides e suas compreensões diversas do trágico. O outro, de presença sinuosa, mas igualmente fundamental, tensionando, no interior da encenação, dois processos de dissolução. O do modelo

22 SARRAZAC, Jean-Pierre. Des mots et leur volume de silence. In: *L'Avenir du drame*. Paris: Circé, 1999, p. 112.

23 Ver, sobre isso, o texto de Sarrazac.

esquiliano de tragédia em Eurípides; e o do "drama dramático" no contexto contemporâneo. A escolha de Eurípides é, desse ponto de vista, estratégica. Sobretudo pelo seu papel histórico como "lugar" privilegiado a partir do qual se tem definido (genealogicamente) o dramático como "ação dialogada".[24]

A encenação de Eurípides pelo Teatro do Pequeno Gesto parece acentuar não uma prefiguração remota dessa poética dual (do diálogo e do conflito), mas, ao contrário, investigar as dobras épicas, redefinir a dimensão trágica e as tensões entre coro e monólogo na *Medeia*. O retorno a esse momento de dissolução do trágico esquiliano parecendo apontar, pelo avesso, para a desordem moderna e contemporânea do dramático. O modelo cênico resultante desse cruzamento conflituoso de crises formais e de visões trágicas tão diversas apontando para uma configuração em espelhamento duplo do processo teatral. O sentimento trágico moderno em tensão com o mito clássico; o modo coral espraiando-se e minando a reivindicação dialógica e as relações duais que costumam guiar as exigências normativas do drama. O moto contínuo dos coreutas invadindo espectralmente as cenas de disputa e desindividualizando-as; a voz (lírico-meditativa) de Rilke, e a reflexão nietzschiana, colando-se ao desfecho euripidiano, e refigurando-o, internamente, via contradição.

"Sua vida se desdobra a partir da morte, que não é o seu fim, mas sua forma",[25] diz Benjamin do herói trágico. É de modo semelhante que a *Medeia* do Teatro do Pequeno Gesto investiga o dramático. A partir de uma dupla dissolução: a do trágico, a do drama. O dramá-

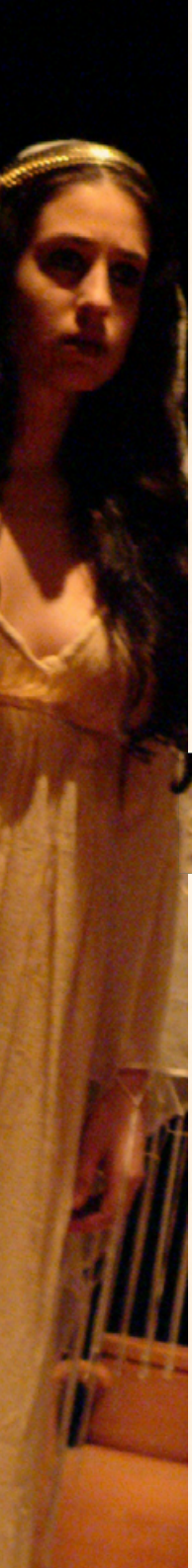
24 Alfred DÖBLIN apud SARRAZAC, op. cit., p. 109.

25 BENJAMIN, op. cit., p. 137.

tico se acha, pois, “rodeado pela morte”. A “ironia trágica” dessa investigação formal residindo no fato de apresentar, propositadamente, as “circunstâncias de sua morte” como se fossem as “de sua vida”.[26] Figurando, no anúncio do drama, o horizonte pós-dramático no qual assistimos à sua agonia.

26 Idem, ibidem.

ME
DE
IA



MEDEIA[1]

1 Para realizar esta adaptação consultamos as seguintes traduções da *Medeia* de Eurípides: Eduardo Mier y Barbery (Buenos Aires: El Ateneo, 1946, p. 319-368); a edição italiana *Euripide. Le tragedie (*Bolonha: Nicola Zanichelli, 1940); a versão espanhola de Germán Gómez de la Mata, a partir da tradução do grego feita por Leconte de Lisle (*Eurípides*, *Obra completa*, tomo II, Valencia: Sociedade Editorial Germanías, p. 177-219, s. d.); a de Henri Berguin e Georges Duclos (EURIPIDE. *Théâtre*. Paris: Garnier, v. IV, 1965-1966, p. 78-130) e a adaptação de Robinson Jeffers (New York: Random House, 1946). Em português, valemo-nos da tradução de Mário da Gama Kury (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, p. 9-79 e Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972). Para a redação das rubricas, contamos com a colaboração de Joana Lebreiro, diretora assistente do espetáculo. Esta adaptação foi originalmente publicada no número 169 dos *Cadernos de Teatro* do Tablado (out.-nov.-dez. 2002, p. 46-58). O espetáculo estreou no Espaço Cultural Municipal Sergio Porto em 6 de dezembro de 2002.

O cenário se constitui de um grande círculo de madeira no centro do qual, num plano dez centímetros mais alto, encontra-se um pequeno círculo giratório movido por quatro alavancas de metal que se encaixam no círculo maior. Vasos de barro espalhados pela área cênica externa ao círculo maior.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Mariana Oliveira e Cybele Jácome. Sentadas, Ana Luiza Alkimim, Cristine A'Gape e Fernanda Maia.

CENA VAZIA. MÚSICA. OS ATORES CRUZAM O ESPAÇO SOZINHOS E EM PEQUENOS GRUPOS ATÉ QUE A CENA SE POVOA LENTAMENTE. ALGUNS CARREGAM VASOS DE BARRO. DURANTE ESSAS CAMINHADAS, OLHAM PARA A PLATEIA E EM TORNO DE SI, PARA O ESPAÇO, COMO SE QUISESSEM VERIFICAR SE TUDO ESTÁ DISPOSTO CORRETAMENTE. EM SEGUIDA, JASÃO, MEDEIA E GLAUCE ATRAVESSAM A CENA E SE POSICIONAM FORA DO GRANDE CÍRCULO, ENQUANTO O CORO DANÇA SOBRE ELE. O CORO SE RETIRA PARA AS BORDAS DO CÍRCULO, DIVIDIDO EM DOIS GRUPOS QUE FICAM FRENTE A FRENTE. O RITMO DA MÚSICA SE TORNA MUITO MARCADO. O DIÁLOGO É DITO ENQUANTO JASÃO E MEDEIA AVANÇAM UM PARA O OUTRO EM MOVIMENTOS LENTÍSSIMOS. GLAUCE PASSA ENTRE OS DOIS, NO MESMO RITMO, COMO UMA SOMBRA.

JASÃO – Monstro! Mulher odiada por mim, pelos deuses... por toda a humanidade!

MEDEIA – Pode me chamar de monstro e leoa. Eu quis simplesmente devolver como podia os seus golpes ao meu coração.

JASÃO – Jamais houve uma grega capaz de um crime deste, e eu escolhi você por esposa em vez de uma delas! Para meu desespero, fui aliar-me a uma inimiga, a uma leoa e não a uma mulher, criatura mais feroz que os monstros mais selvagens.

MEDEIA – Depois do ultraje contra meu leito, você não esperava passar a vida rindo de mim, tranquilo, com a filha do rei.

JASÃO – Mas você também sofre! Nossos males são os mesmos.

MEDEIA – É claro, porém sofro menos se você não ri.

JASÃO – O leito abandonado justifica o crime?

MEDEIA – Essa injúria é pequena para uma mulher?

JASÃO – Se ela é sensata. Para você, tudo é ofensa.

MEDEIA – Os deuses sabem quem provocou tudo isso.

JASÃO – Sabem, também, como é tenebrosa a sua mente.

MEDEIA – Meu ódio é o melhor de mim! Suas palavras me repugnam.

JASÃO – Sinto o mesmo. Livremo-nos um do outro.

A MÚSICA AUMENTA DE VOLUME. O CORO AVANÇA DANÇANDO. JASÃO E MEDEIA GIRAM EM TORNO DO PEQUENO CÍRCULO, REPETINDO DE FORMA QUASE INAUDÍVEL, DEVIDO À ALTURA DA MÚSICA, O TEXTO INICIAL. GLAUCE E JASÃO SE AFASTAM, UM DE FRENTE PARA O OUTRO, ENQUANTO

MEDEIA TOMA DISTÂNCIA DELES E DIZ PARA A PLATEIA, INFORMANDO, MAS COM SOFRIMENTO:

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Mariana Oliveira, Ana Luiza Alkimim, Cybele Jácome, Luiza Baratz, Alexandre Dantas, Viviana Rocha e Fernanda Maia.

MEDEIA – Vejam o meu sofrimento após todos os juramentos que me ligavam a esse esposo desprezível! Ah, se eu pudesse vê-los, ele e a noiva, reduzidos a cinza sob os escombros do palácio, pela injúria que ousam fazer-me! Meu pai, minha cidade, de onde vim para viver tão longe, meu irmão... meu irmão, que assassinei por amor de Jasão! De tudo fui capaz por amor a esse homem!

MEDEIA DÁ UM LONGO GRITO DE DOR, GIRANDO SOBRE SI MESMA. A MÚSICA PARA. O CORO AVANÇA PARA A CENA. O CORIFEU DIZ:

CORIFEU – Ouçam os gritos, a soluçante queixa, lamentos infindáveis, a dor e o desespero vindos dela contra o esposo pérfido, traidor do leito. A dor e o desespero.

Se os céus não tivessem consentido que a nau Argo cortasse o mar profundamente azul em direção à Cólquida, Medeia jamais teria deixado sua terra depois de ter, com sortilégios, ajudado Jasão a conquistar, para o rei Pélias, a preciosa pele de carneiro, toda de ouro, que ela estava encarregada de guardar, nem teria seguido Jasão para a terra dele, onde convenceu as filhas de Pélias a matarem o pai.

Se os céus não tivessem permitido que a nau sequer fosse construída, Medeia e Jasão não teriam tido que fugir para Corinto, nem aqui, em Corinto, depois de dez anos de um casamento harmonioso, Jasão teria aceitado desposar a jovem Glauce, filha do rei Creonte, senhor deste lugar.

Sem alimento, sem descanso, faz dias que Medeia chora e se lamenta, surda a qualquer consolo, arisca até com os filhos, que nela já não despertam nenhum amor.

Tenho medo por ela. Tenho medo pelas crianças.

Eu a conheço e por isso tremo: ela é terrível e seu ódio é tão intenso quanto foi o seu amor.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Alexandre Dantas e Luiza Baratz.

MÚSICA. MEDEIA E CORIFEU ESTÃO FRENTE A FRENTE. DURANTE O TEXTO QUE SE SEGUE, JASÃO E GLAUCE SE ENTREGAM A UM JOGO DE SEDUÇÃO.

MEDEIA (*Falando baixo, voz grave, rouca.*) – Estou só, proscrita, sem um parente que me ampare. Estou aniquilada, já perdi de vez o amor à vida; só quero morrer. Estou só. O meu esposo, que era tudo para mim, tornou-se o pior dos homens. De todas as criaturas, somos nós, as mulheres, as mais sofredoras, pois temos de dar ao homem não apenas nosso corpo, mas toda a nossa vida. Dizem que temos sorte porque nosso lugar é em casa, protegidas de todos os perigos, enquanto os homens se arriscam em guerras sem fim. Bobagem! Melhor seria estar três vezes em combate, com escudo e tudo, do que parir uma só vez! Ah, vou descobrir um modo de fazer com que Jasão pague o resgate de meus males... e que seja castigado o pai que lhe deu a filha... Dizem que a mulher é covarde para a luta e fraca para as armas. Mas, se vê lesados os direitos do leito conjugal, ela se torna, de todas as criaturas, a mais sanguinária!

GLAUCE E JASÃO SE AFASTAM, EM DIREÇÕES OPOSTAS. A MÚSICA PARA.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Cybele Jácome e Mariana Oliveira.

CORIFEU (*Que esteve ouvindo Medeia todo esse tempo.*) – Ah, Medeia! Não estranho o pranto derramado por tantos infortúnios.

MEDEIA – Sofro e soluço bem alto! Filhos malditos de mãe odiosa, por que não morrem junto com o pai? Por que não foi aniquilada essa família toda?

CORIFEU – Que culpa têm os filhos nos desacertos do pai? Por que falar deles deste modo?

MEDEIA – Por que o céu não vem cair sobre minha cabeça? Qual o proveito de viver ainda?

CORIFEU – Medeia, não morra de chorar por um marido.

MEDEIA – O que merece um homem para quem os juramentos nada valem?

CORIFEU – Merece justa punição. Mas é preciso medir bem o golpe: que a sua mão, Medeia, não se volte contra os amigos. O pior está por vir. Você ainda não tomou conhecimento do último decreto de Creonte, rei deste lugar. As palavras dele arremessam você em direção ao seu destino.

MEDEIA – O que podem as palavras dele contra a minha vontade?

CORIFEU – A palavra real é capaz de matar. Pela minha voz fala a palavra do rei e a partir daqui a sua história se entrelaça com a dele.

MEDEIA – Mas, afinal, de que trata o decreto?

CORIFEU – Temeroso por sua filha e por seu genro, Creonte decidiu expulsar você de Corinto juntamente com as crianças.

MEDEIA – Quem me socorrerá neste momento? Não me resta um só amigo nesta terra e não sei onde poderei abrigar-me. Por que estou sendo assim banida?

CORIFEU – Por medo, sem dúvida.

MEDEIA – Medo? De que seria capaz uma estrangeira contra o rei?

CORIFEU – Medo da esposa em fúria. Medo dos sortilégios e magias de Medeia. É a palavra dele contra as suas ameaças. Ele ouviu dizer que você jurou vingança contra o pai que prometeu a filha, contra o marido e contra a nova esposa.

MEDEIA – Eu deveria suportar em silêncio as injustiças...

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Ana Luiza Alkimim, Cybele Jácome, Mariana Oliveira e Fernanda Maia.

CREONTE (*De dentro do coro, um integrante fala:*) – Eu não pretendo esperar que se cumpram as suas ameaças contra mim.

MEDEIA – O que eu poderia ter contra você, Creonte? Sua filha foi dada a quem a quis. Odeio Jasão, sim; quanto a você, fez o que devia. Que se casem e sejam felizes.

CREONTE (*O mesmo integrante do coro, que se destaca do grupo.*) – Longe de você: pegue seus dois filhos e saia imediatamente da cidade.

MEDEIA – Deixe-nos viver aqui. Suportaremos em silêncio as injustiças. Os mais fortes venceram.

CREONTE – Minha decisão é irrevogável. Nem com ardis conseguirá prolongar a sua estada aqui.

MEDEIA – Por tudo quanto há de mais sagrado, por esta luz, por sua filha, a noiva, suplico: deixe-nos ficar!

CREONTE – Eu não a estimo mais que à minha própria casa.

MEDEIA – Neste instante a imagem da minha pátria me volta com tanta intensidade!

CREONTE – Só aos meus filhos eu estimo mais que à pátria.

MEDEIA – Que mal terrível é o amor.

CREONTE – Depende das circunstâncias. E agora chega! Meus homens a farão sair à força e já!

MEDEIA – Isso não! Ouça ao menos um último pedido!

CREONTE – Prefiro não ter esse desgosto.

MEDEIA – Viver é ter desgostos e eles não nos faltam. Aceito o exílio. É outra a minha súplica: um dia! Um dia só! Deixe-me aqui apenas hoje para que eu possa pensar no lugar do nosso exílio e nos recursos para sustentar meus filhos, já que o pai deles não está cuidando disso. Tenha piedade das crianças! Você também é pai.

CREONTE – Minha vontade nada tem de prepotente. Tenho certeza de que erro, mas, apesar de tudo, vou atendê-la. Quero deixar bem claro, no entanto: você pagará com a vida se amanhã, ao nascer do sol, os três ainda estiverem dentro das muralhas de Corinto.

CORIFEU – Pobre Medeia. Onde encontrar refúgio, quem te receberá? Condenada pelos deuses a vagar num abismo de dores...

MEDEIA VAI PARA O PEQUENO CÍRCULO, QUE COMEÇA A GIRAR MOVIDO PELO CORO.

MEDEIA – Os males se multiplicam, é verdade. Mas as coisas não vão ficar assim. Os noivos terão de enfrentar muitas desditas e também quem os levou ao casamento. Concordei com Creonte apenas para ganhar tempo e ele é tão desavisado que, podendo arruinar os meus projetos, deixou-me ficar aqui por mais um dia, tempo suficiente para exterminar meus três inimigos: o pai, a filha e o noivo dela. Tenho muitos meios para fazê-los morrer: posso pôr fogo ao palácio, ou me esgueirar na câmara nupcial e traspassá-los com um agudo punhal. Não, se eu for apanhada, rirão de mim, e isso eu não posso suportar. Melhor recorrer aos venenos.

Pois bem. Mortos. Mas e então, quem me dará abrigo? O tempo é curto. Se eu encontrar algum refúgio, porei meus

planos em ação dissimuladamente. Caso contrário, terei de matá-los com a espada e morrer de arma na mão. Pela deusa dos juramentos, da magia e das encruzilhadas, que venero mais que todas as outras divindades, nenhum deles vai rir por ter atormentado assim meu coração! Vamos, Medeia, não poupe nenhum recurso para pôr em marcha a vingança! Não permitirei que esse casamento me torne ridícula, eu, filha de um nobre pai, da raça do Sol!

Domino as artes e as ciências ocultas de que preciso para a vingança. Aliás, se a natureza fez as mulheres incapazes para o bem, não há, para o mal, artífices mais competentes do que nós.

CORIFEU – Os rios correm em direção à nascente e tudo anda para trás: justiça e juramentos.

O CORO VAI PARA UM DOS LADOS DO GRANDE CÍRCULO, O CORIFEU PARA OUTRO. SENTAM-SE. JASÃO ENTRA.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Cybele Jácome e Alexandre Dantas. Sentadas: Viviana Rocha, Ana Luiza Alkimim, Cristine A'Gape, Mariana Oliveira e Fernanda Maia.

JASÃO – Faz muito tempo percebi que a cólera desmedida é um mal sem remédio. Você poderia muito bem ficar na sua casa neste país o resto da vida se aceitasse as decisões dos que podem mais do que você, mas suas palavras insensatas causaram a sua expulsão. A mim elas não incomodam nem um pouco: pode espalhar aos quatro ventos que Jasão é o pior dos homens, mas, depois do que você andou dizendo do rei, o exílio é quase um prêmio. Tenho feito o possível para aplacar o furor do rei contra você. Eu queria que você ficasse, mas você não toma juízo e continua a maldizer os que governam, por isso a única solução é desterrá-la. Mas eu nunca faltei aos amigos e é por isto que estou aqui, para evitar que você passe necessidades com seus filhos. O desterro sempre traz muitas amarguras. Embora você me odeie, nunca poderei querer-lhe mal.

MEDEIA – Cínico, cínico!!! Não conheço outra palavra capaz de descrever a sua covardia. Não há mérito algum em vir olhar de perto os amigos depois de os ter aniquilado. Mas, pensando melhor, foi bom você ter vindo, porque assim poderei retribuir os seus insultos. Antes de mais nada, é preciso lembrar que eu o salvei. Todos os gregos que embarcaram com você em direção à Cólquida sabem disto. Graças a mim você pôde voltar para casa. Eu o segui, apaixonada, e para reconduzi-lo ao trono, matei seu tio, usando as próprias filhas dele. Depois de tudo o que fiz, você se vendeu e procurou outro leito, embora já tivesse dois filhos. Se você ainda não fosse pai, eu até poderia perdoar um novo casamento; é duro para um homem não deixar descendentes. Você tinha jurado nunca me abandonar. Canalha! Tantas vezes nos abraçamos, tantas vezes... Fui

traída, roubada, porque lhe dei muito mais do que recebi. Pobre de mim, que me entreguei a um homem que não vale nada.

(Silêncio. Ela continua em tom irônico. Jasão passa por Medeia e lhe volta as costas.)

Diga-me com franqueza o que posso ainda esperar de você? ***(Silêncio.)*** Não responde? Para onde você sugere que eu vá agora? Acha que devo voltar para a casa de meu pai, depois de o ter traído? Ou seria melhor pedir asilo às filhas de Pélias? Acho que elas me receberiam com prazer no palácio, depois que matei o pai delas, não? Minha situação é desesperadora: aqueles que me eram mais próximos se tornaram meus inimigos pelo mal que lhes fiz e o mesmo aconteceu com aqueles a quem só fiz o bem, não é, Jasão? ***(Jasão se volta para ela.)*** Você me obriga a fugir daqui, desterrada com meus filhos, também abandonados. Ótimo início de casamento: o noivo reduz os filhos e a mulher à condição de mendigos andarilhos! Oh deus! Se há meios de distinguir o ouro falso por que não há no corpo humano um sinal que separe os bons dos maus?

JASÃO – Só falando com grande habilidade conseguirei escapar de sua eloquência desenfreada. Devo dizer, em primeiro lugar, já que você louva tanto os benefícios que me fez, que sua paixão ao mesmo tempo me salvou e me perdeu. A forma pela qual você matou Pélias nos condenou ao desterro. Você sabe o que fez e não vai querer que eu conte como a paixão forçou você a me ajudar, mas vou provar que, com este casamento, você ganhou mais do que eu. Hoje você vive na Grécia e não mais num país bárbaro. Aqui teve

a oportunidade de conhecer o valor do direito e das leis, em vez da arbitrariedade e da violência. Os gregos todos louvam a sua ciência e hoje você é famosa, o que não teria acontecido se tivesse ficado nos confins do mundo. Já disse o suficiente a respeito do que fiz por você, não esqueça que não fui eu quem começou a discussão. Sobre o meu casamento, que você critica de forma tão dura, vou provar que, agindo como agi, fui não apenas habilidoso, mas sensato e que tudo foi fruto do afeto que tenho por você e por meus filhos.

(A um gesto de Medeia.)

Tenha calma. Pensando que chegamos aqui fugidos, que felicidade maior podia me acontecer do que casar com a filha do rei, eu, um desterrado? Não foi, como você diz com ironia, porque estou farto de você, nem pelos atrativos que me oferece uma nova esposa, nem foi para ter mais filhos, porque já me bastam os que tive com você. Foi para garantir uma vida próspera, porque os pobres não têm amigos; foi para educar meus filhos como convém a alguém da minha linhagem. Caso eu venha a ter outros filhos, irmãos dos seus, poderei oferecer a todos as mesmas possibilidades. Você não precisa de mais filhos. Mas eu quero poder elevar a situação dos filhos que já tenho com os que eu ainda vier a ter. E você concordaria, se não estivesse devorada pelo ciúme. Para as mulheres, tudo está bem quando o leito está preservado, mas se ele sofre qualquer ameaça, mesmo as melhores coisas parecem nefastas. Se fosse possível ter filhos de outro modo, e se não existissem mulheres, os homens se veriam livres de todos os males.

MEDEIA – Não há dúvida de que sobre muitas coisas não penso

como os demais. No meu entender, se alguém hábil no falar comete uma injustiça, merece castigo redobrado. Certo de que poderá embelezar com a fala os seus defeitos, atreve-se a proceder mal e com isso dá mostras de insensatez. Pare, portanto, de me impingir sua eloquência, e não se vanglorie dela porque uma só palavra minha será capaz de desarmá-lo. Se suas intenções eram tão boas, por que não me convenceu delas antes de se casar, em vez de agir à minha revelia?

JASÃO – E você me teria sem dúvida ajudado se eu tivesse contado o que pretendia. Você, que até agora não conseguiu conter a raiva e o ciúme...

MEDEIA – Você só pensou que o casamento com uma estrangeira como eu o conduziria a uma velhice inglória.

JASÃO – Repito: não foi por aquela mulher que desejei um casamento nobre, mas por você e por seus filhos, para que eles sejam irmãos de reis e para que minha família neles encontre apoio.

MEDEIA – Não quero felicidade tão penosa nem riquezas que me dilacerem o coração.

JASÃO – Boa oportunidade para mudar de opinião: a felicidade nunca fez mal a ninguém.

MEDEIA – Na sua boca, isto é um insulto. Eu é que estou sendo desterrada.

JASÃO – A culpa é toda sua.

MEDEIA – Sou eu a noiva traidora?

JASÃO – Você insultou o rei.

MEDEIA – E o seu casamento me insulta!

JASÃO (*Vai sair, mas volta e conclui:*) – Não vou continuar a discussão. Se quiser aceitar de mim alguma ajuda para você e para seus filhos, diga, estou pronto a lhe dar o que quiser e recomendar você a meus amigos, caso você resolva procurar algum deles fora daqui. Seja sensata e aceite o que estou oferecendo. Controlando a raiva e o ciúme, você só tem a ganhar.

MEDEIA – Não vou recorrer a seus amigos, não quero nada deles nem de você: dos homens maus só se podem esperar coisas ruins.

JASÃO – Os deuses são testemunhas de que me prontifiquei a fazer por você e pelos seus filhos todos os sacrifícios. Mas meus préstimos não lhe agradam e você rechaça com insolência os amigos. Não tardará a se arrepender. ***(Sai.)***

MEDEIA – Vá logo embora! Corra para o palácio de sua nova esposa! Não desperdice mais nem um minuto longe dela! No que depender de mim, suas bodas serão inesquecíveis!

CORIFEU – Medeia, cuidado com as palavras...

MEDEIA (*Com ódio.*) – Essas bodas serão inesquecíveis.

CORIFEU (*Para o público.*) – Deixar a Cólquida foi apenas o começo: logo a escolha se transformou em destino ingrato e Medeia nunca mais teve pouso. Medeia escolheu viver como estrangeira.

MEDEIA – Escolhi apenas viver com quem eu amava.

CORIFEU – E dele teve dois filhos. Pense neles.

MEDEIA – Meus filhos serão sempre estrangeiros como eu... abandonados à própria sorte. Meus filhos... meus filhos.

MÚSICA. CORO AVANÇA LENTAMENTE E SE SENTA EM TORNO DELA FORMANDO UMA IMAGEM ESTÁTICA: MEDEIA COM O OLHAR PERDIDO NO HORIZONTE E O CORO OLHANDO PARA BAIXO. JASÃO E GLAUCE ENTRAM EM CENA E INTENSIFICAM O JOGO DE SEDUÇÃO DO INÍCIO DA PEÇA. AO FIM DA MÚSICA, OS DOIS SAEM.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Cybele Jácome, Ana Luiza Alkimim, Viviana Rocha, Mariana Oliveira e Fernanda Maia.

CORIFEU – Para as mulheres, quando falta o ninho, falta tudo. Medeia precisa de pouso para colocar em marcha o que planeja. ***(Puxa alguém do coro: é Egeu.)*** E o acaso entrelaça mais um fio nesta trama: Egeu, rei de Atenas, passa por aqui depois de ter consultado o oráculo de Delfos, no intuito de conseguir ter filhos.

EGEU – Medeia, por que este olhar triste?

MEDEIA – O meu marido, Egeu, é o pior dos homens. Jasão me ultraja sem que eu lhe tenha feito nenhum mal! Outra mulher agora é dona de seu lar.

EGEU E CORO – Ele está apaixonado por ela ou farto de você?

MEDEIA – Agora ele ama com a intenção de aliar-se ao rei, que lhe dá a filha e me expulsa desta terra.

EGEU E CORO – Jasão consente?

MEDEIA – Não em palavras, mas seus desejos o vencem. Por isso tudo eu lhe peço, pelos direitos sagrados dos suplicantes: não me deixe viver no abandono! Dê-me asilo em seu país e acolhida em sua casa. Em retribuição, que os deuses lhe deem filhos, para que sua raça não se extinga e para que você não morra só. Poderei ajudá-lo: conheço filtros e poções para este fim. Receba-me em Atenas.

EGEU – Concedo-lhe esta graça tanto por respeito aos deuses, quanto pelo desejo de ter filhos: um homem sem filhos nada deixa sobre a terra. Mas não posso, eu mesmo, levá-la. Você deve se dirigir por sua vontade à minha casa.

MEDEIA – Eu ficaria mais segura se você empenhasse sua palavra. Jure que nunca me expulsará de sua terra, e que, se algum de meus inimigos quiser com violência tirar-me de lá, você jamais consentirá.

EGEU – Você não confia em mim?

MEDEIA – Confio, mas os descendentes de Pélias são meus inimigos e toda a família de Creonte também. Se pretendessem me arrancar de sua casa, você, preso por um juramento, não permitiria.

EGEU – Se você prefere assim, juro pela terra que pisamos, pela luz claríssima do sol e por todos os deuses fazer o que você está me pedindo.

MEDEIA – Mas, se você quebrar o juramento, em que pena incorrerá?

EGEU E CORO – Nas reservadas aos mais ímpios dos mortais.

MEDEIA – Agora tudo caminha bem. Dentro de muito pouco tempo irei para a sua cidade, depois de ter executado o que planejo e conseguido o que quero.

O CORIFEU VAI PARA O PEQUENO CÍRCULO. O CORO SE DISPÕE EM TORNO DELE E VAI VOLTANDO O CORPO PARA OBSERVAR AS TRAJETÓRIAS QUE MEDEIA, ANSIOSAMENTE, TRAÇA NO ESPAÇO.

Justiça! Filha de Zeus e do Sol! Estamos no caminho certo. Eles vão pagar tudo o que me devem. Egeu veio até mim como um porto onde lançar âncoras depois de ter realizado meu projeto: chamarei Jasão e pedirei que deixe meus filhos ficarem aqui. Mas não pretendo abandonar os dois em território inimigo, expostos à sanha de quem os odeia: vou matar a filha do rei. Mandarei presentes para a nova esposa e meus filhos pedirão a ela que não os expulse daqui, oferecendo-lhe um finíssimo véu e um diadema de ouro. Quando ela os colocar, morrerá e quem tocar nela também, tão forte é o veneno no qual eu embeberei os presentes.

LONGA PAUSA. MEDEIA CAMINHA EM CÍRCULO. MUDA DE TOM E AGORA FALA BAIXO, PARA SI MESMA. ENTRA MÚSICA QUE MARCA O RITMO LENTO DA CENA.

Tremo só de pensar em outra coisa que também vou ter que fazer: matarei meus filhos. Ninguém poderá livrá-los disto. Depois de ter aniquilado toda a família de Jasão, vou abandonar esta terra, expiando com o desterro o assassinato de meus filhos adorados, porque terei ousado cometer o mais hediondo dos crimes para que minha vingança seja completa. Não permitirei que meus inimigos riam de mim! Meu grande erro foi ter abandonado a casa de meu pai, seduzida por um grego de belas palavras. Mas ele pagará tudo o que nos deve. Nunca mais verá vivos os filhos que teve de mim e nem terá outros de sua nova esposa. Assim ninguém vai pensar que sou fraca ou covarde, mas, ao contrário, ficarão sabendo que sou terrível com os inimigos.

AMA ***(Saindo de dentro do coro; suavemente, tentando convencer Medeia.)*** – Medeia, eu criei você. Quando você fugiu da Cólquida, eu a acompanhei. Quando teve seus filhos, eu cuidei deles. Você não pode matá-los.

MEDEIA – Assim atinjo mais profundamente o coração do pai deles.

AMA – Não seja insensata, deixe as crianças fora disso!

MEDEIA – Não perca seu tempo. Você não sabe o que diz.

AMA – E você não sabe o que faz.

MEDEIA – Assim atinjo mais profundamente o coração do pai deles.

CORIFEU – Mas você também vai sofrer.

MEDEIA – Não posso fazer nada. E não adianta insistir. Venha, Jasão, venha.

O CORIFEU ASSUME A CONDUÇÃO DA CENA. O CORO SE SENTA EM TORNO DO PEQUENO CÍRCULO.

CORIFEU – Como a cidade de Atenas, conhecida por seus sábios e por suas leis acolherá a assassina dos próprios filhos?

Como poderá levantar a mão contra seus filhos e sujá-la no sangue que também é seu?

Como a cidade de Atenas, conhecida por seus sábios e por suas leis, acolherá a infanticida?

Como poderá sujar suas mãos no sangue que também é seu?

DURANTE A PRÓXIMA FALA, O CORO PRODUZ, COM PEQUENOS PARALELEPÍPEDOS DE MADEIRA, UM RITMO FRENÉTICO QUE INTENSIFICA A CAMINHADA DE MEDEIA. POR UM MOMENTO, O CORIFEU A SEGUE.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Ana Luiza Alkimim, Viviana Rocha, Mariana Oliveira, Cristine A'Gape e Fernanda Maia.

CORIFEU E CORO – Como a cidade de Atenas, conhecida por seus sábios e por suas leis acolherá a assassina dos próprios filhos?

Como poderá levantar a mão contra seus filhos e sujá-la no sangue que também é seu?

Como a cidade de Atenas, conhecida por seus sábios e por suas leis, acolherá a infanticida?

Como poderá sujar suas mãos no sangue que também é seu?

CADA INTEGRANTE DO CORO SE POSICIONA JUNTO A UMA DAS ALAVANCAS. MEDEIA SE SENTA. JASÃO ENTRA.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Cybele Jácome e Alexandre Dantas.

JASÃO – Vim em atenção ao seu chamado; você me considera um inimigo, mas estou pronto a ouvi-la.

MEDEIA – Eu suplico, Jasão, suplico que perdoe tudo o que falei antes; seja paciente com meus arroubos pelas muitas provas de amor que já nos demos. Pensei com calma e até me recriminei. Por que tratar como inimigos os senhores desta terra e um marido que, em nosso benefício, se casa com uma jovem princesa no intuito de dar irmãos nobres a nossos filhos? Por que não deixar de lado então o rancor e o ressentimento? Por que ficar assim quando tudo está indo tão bem? Já não tenho filhos? Não sei que aqui não passamos de dois exilados, sem amigos? Remoendo estas ideias, reconheci que me descontrolei e que minha irritação não se justifica. Você tem toda razão: seu casamento será muito proveitoso para nós e eu deveria ter percebido logo isso. Mas nós, mulheres, somos o que somos.

JASÃO – Vamos esquecer o que passou. É natural que as mulheres fiquem contra os maridos quando eles resolvem se casar de novo. Você demorou, mas reconheceu quem tinha razão. É assim que agem as mulheres sensatas. Eu tenho certeza de que meus filhos serão um dia, com seus irmãos, senhores de Corinto, superiores em tudo aos meus inimigos. Mas por que está chorando? Minhas palavras deveriam alegrá-la.

MEDEIA – Por nada. Estava pensando nas crianças.

JASÃO – Pode ficar tranquila. Estou cuidando delas.

MEDEIA – Acredito. É que as mulheres são fracas e choram por tudo.

JASÃO – Mas, afinal, está chorando por quê?

MEDEIA – Fui eu quem os pôs no mundo e agora mesmo, quando você desejava a eles vida, força e riqueza, fiquei comovida, pensando que as coisas talvez não aconteçam assim. Mas eu só disse uma parte do que queria dizer, falta o resto. Já que o rei prefere me ver longe desta terra, vou embora de Corinto.

MÚSICA. OS DOIS SE OLHAM, VÃO PARA O PEQUENO CÍRCULO, QUE O CORO COMEÇA A GIRAR LENTAMENTE POR MEIO DAS ALAVANCAS. JASÃO BEIJA MEDEIA, QUE SE MANTÉM PASSIVA. O PEQUENO CÍRCULO PARA DE GIRAR E, EM SEGUIDA, JASÃO E MEDEIA SE AFASTAM.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Alexandre Dantas e Cybele Jácome.

MEDEIA – Jasão, peça a Creonte que não mande os meninos para o exílio, para que você mesmo possa educá-los.

JASÃO – Não sei se vou conseguir, mas posso tentar.

MEDEIA – Peça a sua mulher que convença o pai dela a deixar meus filhos aqui.

JASÃO – Acho que é possível: afinal é uma mulher como as outras.

MEDEIA – E para ajudar mandarei presentes muito mais belos que os conhecidos nesta terra, muito mais: um véu finíssimo e uma coroa de ouro, que o Sol, pai de meu pai, deu a seus descendentes.

JASÃO – Por que abrir mão de bens tão preciosos? Você acredita que a casa real não tenha véus e coroas suficientes? Guarde, você ainda pode precisar. Se minha noiva me tem alguma estima, meu pedido valerá mais do que riquezas.

MEDEIA – Dizem que os presentes comovem até os deuses e que, para os mortais, o ouro vale mais que mil pedidos. Para salvar meus filhos do exílio, daria mais que ouro, daria a própria vida. Faço questão de que as crianças entreguem os presentes nas mãos dela e que venham em seguida me trazer a boa notícia que espero.

JASÃO SAI. O CORO AVANÇA PARA A CENA E DANÇA PARA CELEBRAR A VINGANÇA, MARCANDO COM BAQUETAS DE MADEIRA A FALA DO CORIFEU.

CORIFEU – A vingança é um prato que se come frio. Medeia, mesmo transtornada, calcula minuciosamente a devastação que pretende provocar. E neste jogo ninguém sairá ganhando.

Jasão, desgraçado, desencadeia, sem saber, a morte dos próprios filhos.

Medeia, desgraçada, mira nos seus inimigos, mas sacrifica o que mais ama no mundo.

Não se espera das mulheres que ajam com crueldade. No entanto, quando ultrajadas, não medem consequências. A destruição que provocam se torna ainda mais cruel porque absolutamente inesperada.

DEPOIS DA DANÇA, O CORO SE ORGANIZA AO REDOR DO PEQUENO CÍRCULO, COM O CORIFEU NO CENTRO.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Ana Luiza Alkimim, Viviana Rocha, Cristine A'Gape, Cybele Jácome e Fernanda Maia.

AMA – Tudo correu como você imaginou: a princesa recebeu alegremente os presentes e selou o próprio destino. **(*Para Medeia.*)** A vingança está consumada.

MEDEIA – Não. Ainda falta o último golpe.

AMA – Eu imploro, Medeia, não sacrifique as crianças. Não derrame seu próprio sangue!

MEDEIA – As coisas são como são. Os deuses e eu já decidimos. Você não pode imaginar a minha dor.

AMA – Você não sofre por seus filhos, mas por Jasão. Por favor, pense nas crianças.

MEDEIA – É só nelas que eu penso: se tudo correu como eu planejei, em breve toda a cidade de Corinto virá vingar nos filhos de Medeia o crime contra os reis. É tarde, muito tarde. Não posso voltar atrás.

O CORIFEU CEDE A MEDEIA SEU LUGAR NO CENTRO DO CÍRCULO QUE O CORO COMEÇA A GIRAR LENTAMENTE POR MEIO DAS ALAVANCAS. MÚSICA CONTÍNUA.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Cybele Jácome e Cristine A'Gape.

MEDEIA – Meus filhos! Meus filhos! Agora, para meu desespero, um mundo diferente, uma outra morada, espera por vocês para viverem para sempre... sem sua mãe. Vou abandoná-los antes de poder colher as alegrias que vocês me dariam se eu pudesse vê-los crescidos e felizes. Ah! Infeliz de mim! Criei vocês em vão, meus filhos. Em vão sofri, dilacerada nas dores cruéis do parto! As noites em claro, em vão, em vão.

Eu depositava em vocês tantas esperanças: cuidariam de mim na velhice, fechariam meus olhos quando eu morresse... Já não poderei contar com este consolo. E nunca, nunca mais seus olhos queridos verão sua mãe!

Sem vocês, minha vida será só amargor.

Não, não posso. Não tenho coragem. Será que, apenas para amargurar o pai, vou desgraçá-los, duplicando minha dor? Não! Isso não vou fazer!

Mas, que sentimentos são esses? Vou tornar-me alvo de escárnio, deixando meus inimigos impunes? Não! Não vou tolerar o intolerável! Quem não quiser presenciar o sacrifício, mova-se! Não fraquejarão as minhas mãos! Meus filhos servirão de tormento perpétuo àquele homem.

Não, Medeia, não cometa este crime. Livre seus filhos deste mal. No exílio, eles serão sua única riqueza.

Pelos demônios da vingança, jamais dirão de mim que entreguei meus filhos à sanha de inimigos! Não há mais remédio: eles têm que morrer. E se a morte é inevitável, eu mesma, que lhes dei a vida, os matarei!

Já deve estar morrendo a princesinha na armadilha dourada que armei. Em breve fugirei deixando um rastro ainda mais funesto.

Sejam felizes, meus filhos, mas não aqui: o pai de vocês roubou toda a felicidade que poderiam ter neste mundo.

Não tenho coragem de olhar para eles **(*Longo gemido.*)**, tenho consciência do crime horrível que vou cometer, mas o ódio é meu mais poderoso conselheiro e eu serei seu instrumento mais eficaz.

CORIFEU – Felizes daqueles que não têm filhos, porque estão livres de uma infinidade de misérias.

CORO – Fuja, Medeia, fuja!

CONSIDERANDO OS QUATRO QUADRANTES DO CÍRCULO, ESTARÃO COLOCADOS EM PONTOS OPOSTOS O CORO EM RELAÇÃO A MEDEIA E JASÃO EM RELAÇÃO A GLAUCE.

MEDEIA – E por que motivo eu deveria fugir?

MENSAGEIRO (*De dentro do coro, um integrante fala sozinho.*) – A princesa e o rei Creonte acabaram de morrer, vítimas dos seus venenos.

MEDEIA – Você não poderia trazer notícia melhor.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Ana Alkimim, Fernanda Maia, Viviana Rocha e Cristine A'Gape.

MENSAGEIRO (*O mesmo integrante do coro se destaca do grupo*) – Perdeu o juízo, Medeia? Você não teme as consequências? Fuja, Medeia, fuja!

MEDEIA – Como foi que eles morreram? Quanto mais horrível a morte, mais prazer terei em ouvir.

MENSAGEIRO – Quando seus filhos chegaram com o pai e entraram no palácio, Glauce, antes de ver as crianças, lançou um olhar apaixonado para Jasão. Mas, logo depois, empalideceu e desviou o rosto porque a presença delas lhe fazia mal.

Seu marido se esforçava para aplacar a cólera e a aversão da jovem dizendo a ela: ***(Jasão e mais dois integrantes do coro falam:)*** "Por que tanto rancor? Olhe para os meninos, aceite estes presentes e peça a seu pai que permita que meus filhos continuem a viver em Corinto."

Ao ver os presentes, ela logo prometeu a Jasão fazer o que ele queria. Mal as crianças saíram com o pai, ela pegou o véu, a coroa, colocou-os e pôs-se a andar pelo palácio.

CORIFEU – No entanto, logo presenciamos um espetáculo horrível: ela empalideceu e, agarrada ao trono, foi escorregando até cair no chão. Uma das criadas começou a chamar por todos os deuses quando viu que o rosto da princesa estava lívido como o de uma morta; de sua boca escorria uma espuma branca.

MENSAGEIRO – Uma serva correu para chamar o rei Creonte, outra saiu em busca de Jasão. No palácio todo ecoavam gritos e passos apressados.

A coroa de ouro lançava chamas sobrenaturais que tudo destruíam e o delicado véu, presente de seus filhos, devorava a carne da infeliz.

CORIFEU – Ela, envolta em fogo, tentava se livrar da coroa, sacudindo desesperada os cabelos, mas o ouro ia derretendo, aderindo à cabeça, queimando, e quanto mais ela se movia, mais o fogo se alastrava.

MENSAGEIRO – Caiu, finalmente, irreconhecível.

Ninguém ousava tocar no cadáver. Mas seu pai correu em direção a ela, abraçando e beijando a filha, gritava desesperado **(*Creonte, de dentro do coro.*)**: "Que deus tramou a sua perdição? Quem me acompanhará ao túmulo, se perco assim minha única filha?"

MENSAGEIRO – Quando pararam seus gemidos e lágrimas e ele quis levantar, já não conseguiu: estava preso às roupas dela e, quando se esforçava para escapar, pedaços de sua carne se soltavam dos ossos. Por fim, expirou, vencido pela dor.

CORIFEU – Estão mortos, portanto, os dois, o pai e a filha.

MENSAGEIRO – Quanto a você, trate de imaginar um meio de evitar o castigo que a ameaça. Fuja, Medeia, fuja.

CORIFEU – Pobre Glauce... por culpa das bodas de Jasão, partiu tão cedo deste mundo. Os projetos dos mortais são como fumaça que o vento leva. Ninguém é feliz.

MEDEIA – Minha mão não vai tremer.

MÚSICA. CORO SE MOVIMENTA EM GRUPO, PRIMEIRO PARA UM LADO, DEPOIS PARA O OUTRO, E SUSSURRA PARA OS ESPECTADORES A FALA QUE SE SEGUE, ENQUANTO O CORIFEU ENTREGA DOIS VASOS DE BARRO A MEDEIA, QUE ESTÁ DE PÉ NO PEQUENO CÍRCULO.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Cybele Jácome.

CORO – Em vão, Medeia deu à luz seus filhos, em vão os amou, em vão sofrerá por eles... Desgraçada, que grave ira se apoderou de seu coração, que sede de sangue a transtornou? Pare, Medeia! Pare enquanto é tempo.

CORIFEU – Vá, Medeia, complete o seu destino. Esqueça por um instante que são seus filhos e chore depois a vida toda, porque você os ama e vai matá-los.

MÚSICA AUMENTA. O CORO OCUPA TODO O ESPAÇO DA CENA COM A MESMA MOVIMENTAÇÃO DO INÍCIO DO ESPETÁCULO. MEDEIA LEVANTA OS VASOS NAS DUAS MÃOS E OS DEIXA CAIR. EM SEGUIDA SE ABAIXA E RECUA COM UM GRITO, SAINDO DO PEQUENO CÍRCULO. APANHA DO CHÃO ALGUNS CACOS. O CORO ESTÁ POSICIONADO JUNTO ÀS ALAVANCAS.

JASÃO (*Grita fora de cena.*) – Medeia!

JASÃO ENTRA EM CENA. MEDEIA ESTÁ NO LADO OPOSTO, ABRAÇADA AOS CACOS QUE RECOLHEU.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Cybele Jácome.

MEDEIA – Não se agite inutilmente, Jasão. Estou aqui. E seus filhos estão mortos.

JASÃO – Monstro! Mulher odiada por mim, pelos deuses... por toda a humanidade. Você me matou; cometeu o mais horrendo dos crimes e ainda vive, ainda pisa a terra, onde terei que arrastar para sempre um sofrimento intolerável.

MEDEIA – Que a velhice tornará ainda mais intolerável.

JASÃO – Jamais houve uma grega capaz de um crime deste e eu escolhi você por esposa em vez de uma delas! Para meu desespero, aliei-me a uma inimiga, a uma leoa e não a uma mulher, criatura mais feroz que os monstros mais selvagens.

MEDEIA – Eu quis simplesmente devolver como podia os seus golpes ao meu coração.

JASÃO – Pobres filhos! Que mãe perversa a sorte lhes deu!

MEDEIA – Pobres filhos! Seu pai os matou.

O CORO COMEÇA A GIRAR O PEQUENO CÍRCULO DE FORMA ENÉRGICA. JASÃO E MEDEIA, EM LADOS OPOSTOS DO CÍRCULO MAIOR, SÃO OBRIGADOS A ACOMPANHAR O MOVIMENTO, TANGIDOS PELAS ALAVANCAS QUE CONFINAM CADA UM DELES A UMA DAS ÁREAS DO GRANDE CÍRCULO.

JASÃO – Não foi a minha mão que se levantou contra eles.

MEDEIA – Não; foi a sua infidelidade.

JASÃO – O leito abandonado justifica o crime?

MEDEIA – E esta injúria é pequena para uma mulher?

JASÃO – Se ela é sensata. Para você tudo é ofensa.

MEDEIA – Eles estão mortos e você está sofrendo. Isso me basta.

JASÃO – Mas você também sofre. Nossos males são os mesmos.

MEDEIA – É claro, porém sofro menos se você não ri.

JASÃO – Os deuses vão castigá-la!

MEDEIA – Os deuses sabem quem começou tudo isto.

JASÃO – Sabem também como é tenebrosa a sua mente.

MEDEIA – Suas palavras me repugnam.

JASÃO – Sinto o mesmo. Livremo-nos um do outro. Vá embora! **(*Grita.*)** Vá embora! Me deixe sepultar e chorar meus filhos.

MEDEIA – De modo algum. Eu os enterrarei longe daqui para que ninguém os insulte.

JASÃO – Tudo o que eu queria era poder beijá-los.

CESSA O MOVIMENTO DO CORO, QUE LARGA AS ALAVANCAS.

MEDEIA – Não. Impossível.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Mariana Oliveira e Alexandre Dantas.

Foto de Jorge Etecheber: *Medeia*. Mariana Oliveira.

JASÃO OLHA, DESESPERADO, PARA MEDEIA QUE SAI, LENTAMENTE DE CENA. O CORIFEU OCUPA O CENTRO DO PEQUENO CÍRCULO. JASÃO PEGA UMA DAS ALAVANCAS E COMEÇA A GIRAR NO SENTIDO OPOSTO ÀQUELE QUE O CORO HAVIA SEGUIDO AO GIRAR O PEQUENO CÍRCULO DURANTE O ESPETÁCULO. AS ALAVANCAS SE ARRASTAM COM RUÍDO DE FERROS EM ATRITO. A VELOCIDADE VAI AUMENTANDO ATÉ QUE JASÃO DÁ UM GRITO LANCINANTE E CAI DE JOELHOS.

CORIFEU – Miserável raça dos homens, filhos do acaso e da dor! Por que querer ouvir o que não trará nenhum proveito? O maior bem nunca se poderá alcançar: é não ter nascido, não ser, não ser *nada*.[2] ***(Pausa.)*** Ninguém é feliz. ***(Pausa.)*** Mas nós espectadores em tudo e sempre, ordenamos que tudo se desfaça. Por ora, basta! ***(Pausa.)*** As coisas passam... e nós mesmos passamos.[3]

B. O.

2 Paráfrase de trecho do capítulo 3 de NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 36.

3 RILKE, Rainer Maria. *Elegias de Duíno*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Porto Alegre: Globo, 1976, p. 47, 8ª elegia.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Alexandre Dantas.

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Mariana Oliveira.

FICHA TÉCNICA

Foto de Luiz Henrique Sá: *Medeia*. Fernanda Maia, Cybele Jácome e Mariana Oliveira.

Autor original – **Eurípides**
Adaptação – **Antonio Guedes e Fátima Saadi**
Direção – **Antonio Guedes**
Dramaturgia – **Fátima Saadi**
Dir. de movimento – **Helena Varvaki**
Cenografia – **Doris Rollemberg**
Figurinos – **Mauro Leite**
Iluminação – **Binho Schaefer**
Música – **Paula Leal**
Programação visual – **Luiz Henrique Sá**
Diretora assistente – **Joana Lebreiro**
Assist. dir. movimento – **Lúcia Pendille**
Produção executiva – **Luiza Baratz**
Fotos – **Luiz Henrique Sá**

ELENCO ORIGINAL

Alexandre Dantas – Jasão
Ana Alkimim – Coro/Egeu
Cristine A'Gape – Coro/Mensageiro
Cybele Jácome – Medeia
Fernanda Maia – Coro/Creonte
Luiza Baratz – Glauce
Mariana Oliveira – Corifeu
Viviana Rocha – Coro/Ama

teatro do pequenoGesto

TEXTOS ENCENADOS

Medeia é o segundo título da coleção **Textos encenados** da aba Para a cena das Edições Virtuais Pequeno Gesto, que publicará as adaptações dramatúrgicas montadas pela companhia.

O espetáculo estreou em 2002 no Espaço Cultural Municipal Sergio Porto e ficou em cartaz ao longo de 2003 no Teatro Municipal Domingos Oliveira (Planetário), em sistema de repertório, além de ter participado do Palco Giratório, em 2004, apresentando-se em Florianópolis, Brasília e em nove cidades do Paraná. Participou também do Festival Internacional de São José do Rio Preto e do Fenart João Pessoa.

As Edições Virtuais incluem ainda a aba **Sobre a cena**, que publica livros sobre a arte teatral.

Além disso, estão on-line, também para download gratuito, como todas as publicações do site, vários números da revista *Folhetim* Teatro do Pequeno Gesto, editada entre 1998 e 2013.

Boa leitura!